

A erradicação da miséria: um problema ambiental central

PAULO NOGUEIRA-NETO

A Conferência Rio-92 foi convocada pela Assembléia Geral das Nações Unidas para resolver alguns problemas ambientais da maior importância. O agravamento dessa situação poderia conduzir o mundo a desastres ecológicos sem paralelo na história do Planeta.

O primeiro, e maior desses problemas, é o resultante das mudanças climáticas que já estão em curso. De 1980 a 1990, tivemos os 7 anos mais quentes do século. Essa situação é causada pelo chamado "efeito estufa". O uso desordenado de combustíveis fósseis (carvão e petróleo) aumentou muito o teor de dióxido de carbono na atmosfera. Esse gás devolve à superfície do Planeta grande parte dos raios infravermelhos que a Terra emite em direção ao espaço. Isso provoca um aumento de temperatura na atmosfera terrestre, que a maioria dos cientistas que estudam a questão estima em cerca de 3° C, na média planetária. Será o suficiente para provocar uma alteração geral dos climas das diferentes regiões do Planeta. Assim, áreas que hoje recebem muita chuva poderão se tornar semi-áridas e vice-versa. Tal situação provocará uma grande redução na reprodução de alimentos, pois novos solos agrícolas poderão levar séculos para se formarem em regiões semi-áridas tornadas chuvosas. Por outro lado, solos que são úmidos e férteis poderão tornar-se muito menos produtivos num clima mais seco.

Essa perda de produtividade, somada à desertificação anual de mais de um milhão de hectares que hoje ocorre e que poderá se agravar, significará no futuro fome e desnutrição maciças. É preciso lembrar que nesse meio tempo a população humana terá dobrado, ou quase dobrado. Assim daqui a 40 ou 60 anos (aproximadamente) não apenas milhões, mas bilhões de pessoas poderão ser atingidas seriamente pela falta de alimentos. Além disso, haverá enorme perda de biodiversidade, pois os ecossistemas terrestres não terão tempo para migrar, acompanhando os respectivos climas. Também as áreas costeiras baixas sofrerão o impacto

negativo da subida do nível dos mares, que deverá ser de aproximadamente entre 45 cm e 110 cm.

Ainda no que se refere ao aumento demográfico, ou seja, ao aumento da população, a taxa atual de 2% de incremento anual, na média mundial, ainda pode ser considerada como explosiva, pois importaria em dobrar a população humana do Planeta em cerca de 3 ou 4 décadas. Teríamos, assim, que providenciar uma duplicação da produção de alimentos, o que parece altamente improvável no quadro de mudanças climáticas que afetariam muito desfavoravelmente a agricultura. Seja como for, uma segunda duplicação da população significaria a morte, por inanição e fome, de bilhões de pessoas.

A fim de que esse quadro dramático não venha a ocorrer, é necessário desde já fazer grandes esforços no sentido de estabilizar demograficamente o mundo. Contudo, para que isso se torne uma realidade, como já ocorreu em várias partes do Planeta, é indispensável erradicar a miséria. O instrumento para a realização desse objetivo é a promoção de um desenvolvimento auto-sustentável, ou seja, não-predatório, que não prejudique as gerações futuras.

A erradicação da miséria custará, segundo cálculos apresentados por Maurice Strong, cerca de 127 bilhões de dólares por ano. Essa quantia, embora pareça muito elevada, é pequena em comparação com o trilhão de dólares que até recentemente o mundo gastava anualmente em armamentos, principalmente nucleares.

Alguns céticos pensam que o Primeiro Mundo jamais irá gastar grandes quantias em benefício do Terceiro Mundo. No entanto, se acaso não houver altruísmo suficiente para isso, haverá, contudo, razões egoísticas de sobra. É impossível às nações ricas construir novos muros de Berlim em torno dos seus territórios, para evitar, agora ou no futuro, uma invasão das multidões inconformadas com a sua situação e que procuram desesperadamente emigrar. A única solução para o Primeiro Mundo, e para toda a Humanidade, será dar emprego e elevar o nível de vida das populações pobres, nos seus próprios países ou regiões de origem.

Todos nós temos componentes comportamentais egoístas e outros altruístas. O imperativo da erradicação da miséria atende a ambos. De um lado, evitará que o Planeta se torne um grande Haiti, erodido, desflorestado, superpovoado, paupérrimo, violento. O Haiti deve ser resgatado e reabilitado ao invés de ser estendido a todas as nações. Por outro lado, será graças ao nosso componente comportamental altruísta que a Humanidade encontrará a principal motivação para agir solidaria-

mente, de modo a erradicar a miséria. No plano teológico, o mandamento do amor ao próximo deve ser entendido de modo a também abranger as gerações futuras. No plano das ações concretas, estas somente serão possíveis e eficazes se todos os povos do planeta se entenderem bem entre si.

Embora os primeiros resultados concretos, no que se refere a fundos, se resumam, ainda, a cerca de 8 ou 10 bilhões de dólares, todo um mecanismo começa a se movimentar para atingir o grande objetivo de acabar com a miséria e melhorar as condições ambientais do Planeta. Durante a Rio-92, estive com o chefe do setor do Banco Mundial que cuida do meio ambiente. Essa instituição vai se reestruturar para atender de modo mais eficiente a esses grandes objetivos. Um dos pontos principais dos novos programas do BIRD é o de incorporar a esses esforços a ação sempre vigilante das Organizações Não-Governamentais. Principalmente no que diz respeito à fiscalização do emprego de recursos vultosos, as ONGs poderão dar uma colaboração de decisiva importância. Elas constituem um baluarte na luta contra a corrupção.

A meu ver, a Conferência Rio-92, apesar de suas limitações, representou um notável avanço. Contudo, até que as suas Resoluções se transformem em realidades, teremos de conviver com uma situação aparentemente remansosa. É o tempo necessário para reaparelhar e, sobretudo, para reestruturar as instituições que irão pôr em marcha e tornar realidade os grandes propósitos da Rio-92.

É preciso, porém, atentar para um detalhe muito importante. Pouco adiantará o emprego de grandes recursos se não houver projetos exequíveis e promissores, feitos de modo competente, visando à tomada de medidas concretas. Nesse sentido, o Projeto Floram, do Instituto de Estudos Avançados da USP, feito com a colaboração de outras entidades, deve ser considerado como pioneiro e muito oportuno. É uma iniciativa que atende aos grandes objetivos consensuais da Rio-92: a proteção à biodiversidade e a redução da amplitude das mudanças climáticas. Trata-se, aliás, de duas questões estreitamente interligadas.

Sob o aspecto teórico, mas com profundas implicações e consequências práticas, chegou o momento de reformular o que se entende por desenvolvimento auto-sustentável. Quando essa questão foi discutida pela Comissão Brundtland, esse tipo de desenvolvimento foi conceituado como o que não prejudica a geração atual e as gerações futuras. Isso sem dúvida é muito importante, mas não basta. Diga-se de passagem que a Comissão Brundtland, da qual participei, procurou e conseguiu um consenso entre regiões e países democráticos e outros que na-

quela ocasião tinham (e alguns ainda têm) regimes autoritários. Agora chegou o momento de introduzir, no conceito de desenvolvimento auto-sustentado, o princípio vitalmente importante de que esse tipo de desenvolvimento deve ser estabelecido e dirigido de modo amplamente democrático, o que significa transparência, bem como participação e debate pelas populações nacionais, regionais e locais. Acrescentaria, também, a necessidade de desenvolvimento auto-sustentado ser acompanhado, a cada passo, por estudos de impacto ambiental, sem o que dificilmente seria atingido o objetivo de não prejudicar as gerações futuras.

Outro aspecto importante do conceito de desenvolvimento auto-sustentável foi abordado recentemente no Brasil pelo Prof. Henrique Rattner e pelo deputado Aloisio Mercadante. Trata-se das questões de desenvolvimento que apresentam importantes implicações quantitativas. Realmente, num Planeta finito e limitado, não é possível tolerar e conviver com o fato de que as populações mais ricas têm níveis de consumo que na prática impedirão às populações mais pobres o acesso a esses mesmos recursos ou produtos. No que se refere à alimentação, felizmente a ciência médica já concluiu que uma dieta excessiva em calorias é altamente prejudicial à saúde e encurta a vida. Mas há ainda muito a fazer no terreno da redistribuição do excesso, não somente no que se refere aos recursos básicos, mas também no tocante a novas e caras tecnologias.

A questão da explosão demográfica, a ser alcançada pela erradicação da miséria, não mereceu um destaque especial na Conferência Rio-92. Contudo, grande parte dos resultados lá obtidos diz respeito direta ou indiretamente ao desenvolvimento auto-sustentável, a ferramenta essencial para erradicar a miséria. Com o uso dessa ferramenta, a Humanidade poderá resolver um problema moral, social e ambiental que é, na verdade, essencial para evitar que o Planeta se degrade profundamente.

Paulo Nogueira-Neto é professor visitante da Área de Ciências Ambientais do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Comunicação apresentada no workshop "Ecos da Eco 92" realizado pela SBPC com o apoio do IEA nos dias 13, 14 e 15 de julho de 1992, em São Paulo.